



Opinião Econômica

Cecilia Machado

Economista, professora da EPGE
(Escola Brasileira de Economia e
Finanças) da FGV



Benefícios do choque China

Nos EUA, houve importante realocação de emprego da indústria para os serviços

A ascensão da China como grande potência manufatureira no mundo é comumente associada ao declínio da indústria nos outros países, sendo usada como argumento a favor da imposição de políticas protecionistas, como tarifas.

Para se ter ideia do que essa ascensão representa, a China produz cerca de 30% das manufaturas do mundo, ocupando hoje o primeiro lugar, que já foi dos Estados Unidos há apenas duas décadas. Depois que passou a integrar a Organização Mundial do Comércio, em 2001, a China se tornou o principal parceiro comercial de muitos países e desde 2009 é o maior exportador de bens do mundo.

Faz sentido que o aumento da competição dos produtos chineses gere impacto sobre o emprego no setor manufatureiro dos demais países. E os primeiros estudos sobre o então denominado “choque China” encontram resultados nessa direção, especialmente no curto prazo.

Neles, o aumento das importações de produtos chineses está associado ao aumento do desemprego, estando por traz de cerca de um quarto da queda do emprego no setor de manufaturas nos Estados Unidos. Nas regiões mais afetadas pela penetração das importações chinesas houve aumento das transferências assistenciais e de pagamentos de seguro-de-

semprego e aposentadoria.

Entretanto, os ajustes que acontecem no mercado de trabalho são lentos e não se limitam aos efeitos de curto prazo do emprego na indústria. A mais recente reavaliação dos efeitos do choque China considera outras margens, como a realocação dos trabalhadores para outros setores ou o surgimento de novas oportunidades de emprego para aqueles que estão ingressando na força de trabalho. Essas dinâmicas de ajustamento são observadas em horizontes de tempo mais longos, o que se tornou possível agora.

Dados recentes indicam que o choque China reconfigurou o mercado de trabalho americano

de forma ampla, com importante realocação de emprego da indústria para os serviços. A maior parte ocorreu dentro das próprias empresas, com mudança de sua atividade principal da manufatura para serviços, em operações relacionadas ao comércio exterior, como pesquisa, gestão e atacado. Houve perda de empregos na indústria, mas ela foi mais que compensada pelo aumento do emprego no setor de serviços, que se expandiu.

Além disso, regiões mais impactadas pelo choque China foram capazes de criar oportunidades de emprego, atraindo mão de obra diversificada: de origem hispânica, do gênero feminino e mais escolarizada. A evidência aponta para a resiliência de longo prazo do mercado de trabalho, que eventualmente se recuperou, apesar de essas mudanças terem levado tempo para se materializar.

Os impactos do choque China também se manifestaram na maior variedade de produtos disponíveis para consumo, na redução dos custos de produção devido ao acesso a insumos intermediários mais baratos vindos da China e em menores preços finais. Levando em consideração todos esses efeitos, o ganho de bem-estar encontrado tem sido positivo. No líquido, a economia americana se beneficiou da maior competição dos produtos chineses.

Nesse sentido, preconizar o protecionismo para promover reindustrialização da economia como forma de compensar aqueles que perderam seus empregos é solução subótima. Com tantos ganhos sobre a mesa, a melhor forma de compensá-los passa pela redistribuição de parte dos ganhos para aqueles em que incorreram custos. Uma lição que fica também para o Brasil em seus planos de reindustrialização.



Quem tem conta empresarial
Banrisul agora tem limite turbinado
do cartão Banricompras Empresas.



Inovações atraem atenções dos visitantes na Wine South America

/VITIVINICULTURA

Roberto Hunoff, de Bento Gonçalves
economia@jornaldocomercio.com.br

Dentre as 430 marcas presentes na 5ª Wine South America (WSA), que teve início na terça-feira, com a presença do governador Eduardo Leite, e segue até amanhã, na Fundaparque, em Bento Gonçalves, algumas têm se destacado junto aos visitantes pela inovação. Um dos exemplos é a vinícola Foppa & Ambrosi, que apresenta o rótulo Segredo do Enólogo, em que são mantidas em sigilo as variedades escolhidas, o tipo de corte e o tempo na madeira, informações normalmente compartilhadas no rótulo com o consumidor.

O enólogo Ricardo Ambrosi explica que o objetivo é provocar os apreciadores que buscam muito mais do que um produto, mas uma experiência capaz de gerar memórias sensoriais e afetivas para o resto da vida. “Reservo-me o direi-

to de manter esta receita em segredo, provocando o consumidor a se deter nas sensações, na experiência e no que ela incita”, comentou. O segredo do enólogo é um blend de duas castas nobres em proporções cuidadosamente guardadas. “Vinho é um produto cultural vivo e, sendo assim, não pode ser tratado como uma garrafa de vidro cheia de líquido de uma determinada uva, por exemplo. Este é um vinho para não ser explicado, mas lembrado”, acrescenta o também enólogo Lucas Foppa.

A Cooperativa Vinícola Aurora lança o espumante Gioia Sur Lie Rosé D.O. Altos de Pinto Bandeira. Elaborado com a uva Pinot Noir, integra a linha premium da companhia e carrega o selo de Denominação de Origem (D.O) Altos de Pinto Bandeira, distinção única e exclusiva para espumantes da América Latina. “Nosso desafio é seguir expandindo com responsabilidade, respeitando as origens e inovando sempre, como fazemos

com cada novo produto que chega ao mercado”, frisa Rodrigo Arpini Valeiro, diretor de marketing e vendas. Dentre outros rótulos, são apresentados produtos da Aurora Uruguai, filial da empresa localizada em Canelones.

A Miolo Wine Group tem como destaque a apresentação oficial do quinto terroir da marca: a Bodega Renacer, em Mendoza (Argentina), onde três novos rótulos da marca passam a ser elaborados. De acordo com o enólogo-chefe Adriano Miolo, o novo terroir argentino é um marco histórico para a empresa, que se consolida como a única vinícola brasileira com unidades produtivas e vinhedos próprios em cinco regiões distintas: Vale dos Vinhedos, em Bento Gonçalves (RS); Vale do São Francisco, em Casa Nova (BA); Campanha Meridional, em Candiota (RS); Campanha Central, em Santana do Livramento (RS); e, agora, na Bodega Renacer, em Luján de Cuyo, Mendoza.



CÉSAR SILVESTRO/VAGÃO FILMES/IC

Expositores apresentaram propostas diferenciadas em seus estandes

Outro destaque é o lançamento do Miolo Íride Safra 2015, espumante com 10 anos de maturação em cave, que ostenta a Denominação de Origem Vale dos Vinhedos (DOVV). Produzido apenas em safras excepcionais, o lançamento presta uma homenagem aos 150 anos da imigração italiana no Brasil, resgatando as raízes da Família Miolo com um brinde à história iniciada por Giuseppe Miolo, em 1897. Os visitantes também podem degustar o primeiro tinto da safra 2025, o Miolo Wild Gamay.

A Associação dos Produtores

de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (Aprovale) reúne oito vinícolas associadas em seu estande. Um dos destaques é a estreia do primeiro e único vinho coletivo com Denominação de Origem do Brasil, denominado 10 Lotes D.O.V.V. Merlot. “São movimentos que reforçam nosso posicionamento como Indicação Geográfica e mostram o trabalho que foi desenvolvido, muito focado em vinhos de produção limitada e de alta qualidade, retratando a diversidade que tem o Vale dos Vinhedos”, comenta o presidente André Larentis.